

## PENSAR SEM MARGENS: O OLHAR DA CRIANÇA EM “PRIMEIRAS ESTÓRIAS”, DE GUIMARÃES ROSA

BRITO, Nuno<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este estudo centra-se na forma como o olhar da criança se manifesta no livro de contos “Primeiras estórias” de Guimarães Rosa e em como esta perspetiva se gera possibilitando um olhar revitalizador da realidade, inseparável também de uma experiência e concepção renovadora da língua e da sua plasticidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guimarães Rosa; Primeiras Estórias; Criança.

## TO THINK WITHOUT MARGINS: THE GAZE OF THE CHILD IN “PRIMEIRAS ESTÓRIAS”, BY GUIMARÃES ROSA

**ABSTRACT:** This study focuses in the way that the children’s gaze is expressed in the Guimarães Rosa’s book “Primeiras Estórias” and how this perspective is generated creating a new look over the reality, inseparable of a renewed linguistic experience and conception.

**KEYWORDS:** Guimarães Rosa; Primeiras Estórias; Children.

---

<sup>1</sup> Leitor de Camões no Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. Center for Portuguese Studies, Universidade da Califórnia, Santa Barbara. Contato: [nuno@ucsb.edu](mailto:nuno@ucsb.edu) /[nunobritos@gmail.com](mailto:nunobritos@gmail.com)



*Sou escritor e penso em eternidades. O político pensa apenas em minutos.  
Eu penso na ressurreição do homem.*  
Guimarães Rosa

Começamos pelo momento de um encontro, o momento de um contacto, quando em *Grande Sertão. Veredas* se adivinha que Riobaldo pega na mão do interlocutor: “O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver mesmo. O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da bôca... O senhor crê minha narração?” (ROSA, 1965, p. 443). A intensidade sensorial deste contacto potencia o poder sugestivo do aforismo: “aprender-a-viver é que é o viver”, aforismo central que se desdobra e multiplica ao longo da criação de Guimarães Rosa, a sua força de máxima resume, nuclearmente, e numa visão de conjunto, a ideia de que a vida não existe enquanto forma acabada ou cristalizada, mas que só é possível unicamente enquanto construção contínua, diluidora e fluida, ideia que dialoga com a metáfora da vida enquanto travessia; esta, uma imagem central que percorre, de forma omnipresente, a criação de Guimarães Rosa. *Travessia*, a palavra final de *Grande Sertão: Veredas*, afirma-se como um símbolo central que transporta em si mesmo a ideia de percurso contínuo e unitário, de um *aprender-a-viver que é o viver mesmo*, percurso fluido, marcado pela sua incessante mutabilidade, que nos apresenta a ideia de que um estado adulto, concluído, ou fechado do ser, é impossível: “O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou” (1965, p. 24); esta é, também, a ideia que nos apresenta o conto “nenhum, nenhuma” quando o narrador nos introduz a personagem da Nenha: “uma velhinha de história, de estória-velhíssima” (1962, p. 52) como “menina ancianíssima” (1962, p.54), oxímoro que se desintegra numa visão de conjunto “**Antes, era a vida. Ali, num só ser, a vida vibrava em silêncio, dentro de si, intrínseca, só o coração, o espírito da vida, que esperava. Aquela mulher ainda existir**” (1962, p. 53), ou em “A menina de lá” quando Nhinhinha chama a mãe de “**Menina grande**” e o pai de “**Menino pidão**” (1962, p. 21). É de realçar o destaque gráfico através do negrito como um reforço da impressão desta ideia.



Viver, em si mesmo, inclui a sua aprendizagem e aperfeiçoamento contínuo e exclui, por isso, tudo o que nos remete para o estanque, esta ideia de movimento unitário remete-nos para a anulação do óbvio, do limite e da margem: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1965, p. 65). Esta afirmação de *Grande Sertão. Veredas* dialoga amplamente com “A terceira margem do rio”, ideia de que nada pode ser compartimentado, de que nada está concluído, mas apenas *no meio do caminho*, na sua travessia, no seu devir-outro, na criação de uma zona de confluência; trata-se de fazer coexistir, de possibilitar um encontro, de despolarizar e de aproximar do centro: **“Tem horas em que, de repente, o mundo vira pequenininho, mas noutra de repente êle já torna a ser demais de grande, outra vez. A gente deve esperar o terceiro pensamento.”** (Idem, p. 57). Podemos ver este terceiro pensamento como um pensamento sem margens, um pensamento sem formas que se afirma enquanto movimento pleno de libertação. Este é o olhar da criança, um olhar que liberta, que despolariza, que vê as coisas como se as visse pela primeira vez, ainda sem margens, e sem nome. Livres de uma categorização e de um limite. Este é um olhar que possibilita *a terceira margem* ou *o terceiro pensamento* enquanto espaço de libertação e movimento: “A liberdade é assim, movimentação”. (Ibidem, p. 243). A travessia manifesta-se assim como metáfora de aprendizagem, de uma transmutação que se quer pura, permanente e ininterrupta: “A gente cresce sempre, sem saber para onde” (Ibidem, p. 55). Sobre este olhar despolarizador é de salientar o que nos afirma Eduardo Coutinho:

Obra eminentemente desconstrutora de toda visão monolítica do real, a narrativa de Guimarães Rosa se erige, desde *Sagarana* até seus póstumos *Estas estórias* e *Ave, palavra* como o espaço da indagação, da busca, onde, como afirma Riobaldo, em *Grande Sertão: veredas*, referindo-se a si mesmo, não se tem certeza de coisa nenhuma, mas desconfia-se de muita coisa. Nesse universo, fluido, pantanoso, e marcado justamente pela coexistência de opostos em contante tensão, toda versão única e excludente de algo é desautorizada pela própria necessidade de conviver com outras que muitas vezes a contradizem, e a dúvida se instala, fazendo da narrativa um grande laboratório, uma teia de reflexão. Há um tecer ininterrupto que perpassa cada instante do relato, pondo em cheque todo o tipo de lógica alternativa, calcada em construções dicotômicas, e abrindo espaço para outras possibilidades, quiçá para uma lógica que poderíamos designar de “aditiva” e que



se representaria por um dos mais expressivos *leitmotifs* do romance mencionado: Tudo é e não é. (2008, p. 365)

Olhar sem hierarquizar, desconstruir, aprender a não julgar, essa é definitivamente uma lição central da obra de Guimarães Rosa, e muitos são os aforismos que criam uma rede em torno da ideia de, que tal como nos afirma Edward Said: “nada é puramente uma coisa” (1994, p.336); mensagem plural que nos é concretizada através da metáfora da travessia, sobre ela, é também de salientar o que nos afirma José Carlos Garbuglio:

[..] as águas, especialmente as águas do rio, ou o Rio, desempenham papel de fundamental importância em *Grande Sertão: Veredas*, por múltiplas implicações. A constância do movimento que lembra o devir de Heráclito (panta rei), a realidade em mudança e troca ininterrupta, remete para o sentido da vida como fluir, onde a dinâmica imanente das coisas encontra sua expressão maior na palavra igualmente fluida, cuja reiteração, enfeixada em *travessia*, último signo do romance, seguida do símbolo do infinito, aponta o prolongamento da ação para além do real visível. (1972, p. 61)

Se a travessia, enquanto criação de uma zona de devir e mutabilidade pura, representa um estado de continuidade e despolarização, o olhar da criança é, em si mesmo, um olhar que liberta, um olhar de dissolução, um lugar onde o *aprender-a-viver* acontece em toda a sua plenitude e potência. Ele é, antes de tudo, um olhar que antecede a linguagem, que a cria e a revitaliza (tal como Guimarães Rosa), um olhar que lida com o milagre de nomear, que acende a linguagem e a faz vibrar. Tal é o caso que nos surge em “As margens da alegria” de *Primeiras Estórias* (1962); o Menino, personagem principal do conto, percorre as ruas de Brasília no jeep dos tios enquanto repete o nome de cada coisa:

O Menino repetia-se em íntimo o nome de cada coisa. A poeira, alvissareira. A malva-do-campo, os lentiscos. O velame branco, de pelúcia. A cobra verde, atravessando a estrada. A arnica: em candelabros pálidos. A aparição angélica dos papagaios. As pitangas e seu pingar. O veado campeiro: o rabo branco. As flôres em pompa arroxeadas da canela-de-ema. O que o tio falava. (ROSA, 1962, p. 5)



Para a criança a palavra é sempre uma fonte possibilitadora de novas cargas semânticas, por isso ela repete, porque a cada repetição há sempre estranhamento e acrescento, para a criança a palavra é uma fonte que nunca se estagna. Ela lida, por isso, com uma linguagem primordial, a linguagem poética que antecede o prosaico; nomear é sempre possibilitar um milagre, concretizar um encontro, criar um contacto, tal como observa Ana Paula Pacheco ao afirmar que “nomeação e cosmogonia vão juntas: seres e coisas ganham familiaridade com o universo infantil” (2006, p. 31), o poder de repetir um nome é o poder de intensificar a nossa relação com a realidade, de criar um estranhamento; para a criança a palavra terá sempre uma vibração nova, por isso ela pede sempre que lhe contem a mesma história, não é só a força da repetição da palavra, o seu poder reiterativo e mágico que atrai a criança, mas sim o renascimento da palavra, a sua constelação de significados a nascer a cada nomeação. O milagre de nomear é uma força mágica que a poesia e olhar da criança partilham, nos dois casos trata-se de um milagre, da criação de um contacto. Na linguagem prosaica ou na linguagem utilizada, de certa forma num estado adulto, há a criação de um hábito, de uma familiaridade com a linguagem que passa por um esvaziamento de singularização; no mundo da infância não há familiaridade, a palavra nasce cada vez que é nomeada. Nomear é por isso criar um vínculo e habitar um milagre. Tal como o olhar poético, o olhar da criança é um olhar intensificador da realidade, olhar que passa por um contacto de estranhamento da linguagem, um olhar que, como nos afirma Manoel de Barros, *ilumina o silêncio anónimo das coisas*:

Assim é que elas foram feitas (todas as coisas) —  
sem nome.

Depois é que veio a harpa e a fêmea em pé.

Insetos errados de cor caíam no mar.

A voz se estendeu na direção da boca.

Caranguejos apertavam mangles.

Vendo que havia na terra

Dependimentos demais

E tarefas muitas —

Os homens começaram a roer unhas.

Ficou certo pois não

Que as moscas iriam iluminar



O silêncio das coisas anônimas.  
Porém, vendo o Homem  
Que as moscas não davam conta de iluminar o  
Silêncio das coisas anônimas —  
Passaram essa tarefa para os poetas.  
(BARROS, 1991, p. 48)

É de vital importância aquilo que nos afirma Guimarães Rosa quando entrevistado por Günter Lorenz em Janeiro de 1965: “Primeiro, há meu método que implica na utilização de cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original.” (1965); Fazer nascer a palavra ou utilizar a palavra como se ela tivesse acabado de nascer é limpá-la das suas impurezas, da sobrecarga que a familiaridade com o prosaico lhe impôs, trata-se de restitui-la a um fogo original, o momento em que ela foi inventada, o momento em que ela foi dita pela primeira vez, tal como a criança, nomear é permitir um movimento, libertar, fazer nascer:

Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isto significa que, como escritor, devo me prestar contas de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida. (ROSA, 1965)

O que Guimarães Rosa se propõe é ver a linguagem através do olhar da criança, ver uma linguagem original, primária, que só é possível enquanto transmutação pura, enquanto estado de completa mutabilidade, ver a sua corrente contínua em plena transformação; nesse sentido a criação de neologismos, a revalorização de arcaísmos ou regionalismos, os desvios sintáticos e a inversão de classes gramaticais podem ser vistos como uma aproximação à linguagem da criança, ao seu milagre de nomear, a uma linguagem primordial que a ampla experimentação linguística de Guimarães Rosa tenta renascer. Restituir a originalidade à palavra é restituir-lhe um fogo primeiro, iluminar (como nos diz Manoel de Barros) o silêncio anônimo das coisas. Intensificar a palavra até ela ser de novo vida é a visão de Guimarães Rosa e de todo o gesto poético: reproduzir a infância

da linguagem e o olhar da criança sobre a palavra. A etapa infantil de aquisição de linguagem assim como a aprendizagem da leitura são, por isso mesmo, momentos amplamente privilegiados nos contos de Guimarães Rosa. Tal é o caso do conto “Partida do Audaz Navegante”

Brejeirinha é assim, não de siso débil; seus segredos são sem acabar. Tem porém infimículas inquietações: - **“Eu hoje estou com a cabeça muito quente...”** – isto por não querer estudar. Então junta: - **“Eu vou saber geografia.”** Ou: - **“Eu queria saber o amor...”** (...) - **“Sem saber o amor, a gente pode ler os romances grandes?”** – Brejeirinha especulava. - **“É, hem? Você não sabe ler nem o catecismo...”** (...) **Pois eu li as 35 palavras no rótulo da caixa de fósforos...**” (ROSA, 1962, p. 116)

Em pleno processo de aprender a ler, Brejeirinha propõe-se ler um livro aos seus irmãos, mas rapidamente eles se dão conta que a história que ela lhes narra está a ser inventada ao mesmo tempo por ela, o livro real torna-se assim o pretexto para a criação de uma outra história, a narrativa do Audaz Navegante:

**-O Aldaz Navegante, que foi descobrir os outros lugares valetudinários. Êle foi num navio também, falcatruas. Foi de sozinho. Os lugares eram longe, e o mar. O aldaz navegante estava com saudades, antes, da mãe dêle, dos irmãos, do pai. (...)** Pele levantou a colher: - **‘Você é uma analfabetinha ‘aldaz’. – Falsa a beatinha é tu!’** – Brejeirinha se malcriou. - **‘Por que você inventa essa hitória de de tolice bôba, bôba?’** – e Ciganinha se feria em zanga. - **‘Porque depois pode ficar bonito uê!’**” (ROSA, 1962, p. 117)

A narração da história da Brejeirinha continua no exterior da casa, as crianças vão brincar para o riacho, e o momento central do conto é quando uma das crianças interrompe a narrativa e diz a Brejeirinha, apontado para um pedaço de excremento seco de vaca, **“E-olha o seu ‘aldaz navegante’, ali. É aquêle...”**, (ROSA, 1962, p. 120), num pacto imaginativo as crianças concordam: **“Ah! Pois é, é mesmo! (...) Pronto. É o Aldaz navegante...”**(1962, p. 121); este é um exercício de singularização que só o olhar da criança possibilita através de um elevado grau de



concreção imagética. A personagem do Audaz navegante obtém, através deste olhar criador, uma presença física, um corpo, que as crianças decoram, um corpo que elas intensificam e mitificam:

Era: aquê-le-a coisa, vacum atamanhada, embatumada, semi-ressequida, obra pastoril no chão de limugem, e às portas dos capins-chato, deixado. Sobre sua eminência, crescera um cogumelo de haste fina e flexuosa, muito longa: o chapeuzinho branco, lá em cima, petulante se bamboleava. O embate e orla da água, enchente, já o atingiam, quase. (ROSA, 1962, p. 121)

O Audaz navegante parte, então, com a chuva pelo riacho e a história da Brejeirinha ganha um fim real; através de um cruzamento de planos entre o imaginário e o real a história concretiza-se, adquire um espaço e um tempo, uma dimensão de experiência tocável e objetiva. Essa é a origem do jogo infantil, concretizar em objetos uma vida, (uma persona), dar-lhes um nome, conferir-lhes uma história, um passado, personifica-los, animá-los com uma vida, exercício máximo de criação que se aproxima com a criação da linguagem, nomear é, portanto, conferir vida, intensificar com o olhar, estranhar a matéria, possibilitar um milagre. Ver o mundo na sua zona de plena transmutação e movimento para algo mais, vê-lo sempre como se o víssemos pela primeira vez, este é para Shklovski o elemento principal do processo de singularização: “O procedimento de singularização em Tolstoi consiste em não chamar o objeto pelo seu nome mas sim em descrevê-lo como se o visse pela primeira vez e em tratar cada acontecimento como se ocorresse pela primeira vez” (SHKLOVSKI, 1978, p. 61). Este é olhar da criança enquanto espaço de revitalização continua e esta é a forma de Guimarães Rosa ver e recriar a linguagem, através do seu contacto com um estranhamento e singularização, com um batimento novo e mágico que se acende em cada coisa cada vez que ela é vivenciada ou nomeada. Por isso mesmo Brejeirinha nos afirma: “**O amor é original (...) O amor é singular**” (ROSA, 1962, p. 120). Trata-se em definitivo, de observar um milagre (de fundir plenamente, nas palavras de Guimarães Rosa: linguagem e vida), de observar uma área de comunicação interminável, através dela o referente passa sempre a ser visto excentricamente pelo ponto de vista do emissor. Guimarães Rosa insiste, através da linguagem, e através do olhar da criança em mostrar-nos um mundo fluido, ou em contacto com José Carlos Garbuglio, um mundo movente, em permanente devir. O olhar transformador da criança que dá vida a um pedaço de estrume seco é um olhar de criação de ênfase, que em contacto com Emerson,



observa o milagre no comum: “The invariable mark of wisdom is to see the miraculous in the common” (EMERSON, 2000, p. 38), aquilo que Guimarães Rosa nos refere através do narrador de “O Espelho”: “Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.” (ROSA, 1962, p. 71). O olhar da criança é aquele que vislumbra esse milagre, que o possibilita enquanto percepção. O seu olhar intensifica, acende e faz vibrar. A criança rompe com um estado de familiaridade e hábito, o seu olhar é, por isso, sempre um olhar primeiro que funde linguagem e vida. Ele é um olhar que retira da palavra todas as impurezas e as restitui a um estado aberto e original do ser. Ele é um olhar que se alia a um encontro primordial, intemporal e absoluto; de novo através da imagem do rio:

Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimentos dos homens. Amo ainda mais uma coisa dos nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade. (ROSA, 1965)

*Criança, travessia, rio, eternidade* são palavras que formam entre si uma constelação em torno da ideia de um movimento ancestral, de um estado plenamente poético do mundo. O olhar da criança é um olhar que intensifica a realidade até esse estado original e essa intensificação é feita enquanto um exercício de criação de ênfase; para a criança a luz que bate no tecto num quarto semiescuro é um elemento de continua surpresa e admiração, ele tem o efeito de um momento mágico, ela aponta e tenta nomear, criar um contacto, o seu olhar intensifica, ou dito de outra forma, ele faz vibrar com mais força, ele acelera até um estado original (o mesmo milagre que passa com a palavra), ele restitui e limpa, ele anula o óbvio, ele instaura o novo. Se, como nos afirma Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*: “Tudo nesta vida, é muito cantável” (1965, p. 398), o olhar da criança é aquele que mais se aproxima deste canto, ou dizendo de outra forma, é ele que o instaura e o habita em toda a sua plenitude, é ele que possibilita a poesia. Restituir a tudo um olhar primeiro é, por isso, o exercício a que se propõe Guimarães Rosa ao longo da sua obra, e a revitalização da linguagem é já, em si, a primeira aproximação a esse olhar. Trata-se de criar uma impressão máxima, de intensificar a relação com o mundo através da linguagem, de instaurar um canto e um fogo primário, restituir um sentido original, acelerar a palavra até ao seu início. A este



estado original do mundo Guimarães Rosa opõe um estado adulto, prosaico, marcado pela perda de um contacto com essa origem, é disso que nos fala o final do conto “Nenhum, nenhuma” quando o menino chega a casa e interpela os pais: **“Vocês não sabem de nada, de nada, ouviram?! Vocês já se esqueceram de tudo o que, algum dia, sabiam!... E eles abaixaram as cabeças, figuro que estremeceram. Porque eu desconheci meus Pais – eram-me tão estranhos: jamais poderia verdadeiramente conhecê-los, eu; eu?”** (1962, p. 57)

Centremo-nos no primeiro e no último conto de *Primeiras Estórias*. “As Margens da alegria” e “Os Cimos” estabelecem entre si uma zona de continuidade e um diálogo unitário; os dois contos dialogam desde logo, nos seus começos, com a revitalização de uma forma tipificada de introduzir o conto maravilhoso para a infância, o típico *Era uma vez*: “ESTA É A ESTÓRIA. Ia um menino, com os Tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz.” (ROSA, 1962, p. 3), e em “Os Cimos”: “OUTRA ERA A VEZ. De sorte que de novo o Menino viajava para o lugar onde as muitas mil pessoas faziam a grande cidade” (1962, p. 168). Nos dois contos realiza-se uma travessia aérea que o menino, personagem principal, realiza em direção a uma Brasília em construção, espaço híbrido, inconcluso e permanentemente mutável, lugar, também ele de uma infância urbana.

Enquanto mal vacilava a manhã. A grande cidade apenas começava a fazer-se, num semi-êrmo, no chapadão: a mágica monotonia, os diluídos ares. O campo de pouso ficava a curta distância da casa-de madeira, sôbre estações, quase penetrando na mata. O Menino via, vislumbrava. Respirava muito. Ele queria poder ver ainda mais vívido – as novas tantas coisas – o que para os seus olhos se pronunciava.” (ROSA, 1962, p. 4)

O olhar da criança intensifica a cidade. Ele é em si mesmo um olhar gerador de movimento, um olhar que acelera, um olhar de ênfase que absorve os movimentos e as transformações do espaço urbano (querer poder ver ainda mais vívido). É então que nas traseiras da casa onde iria ficar o menino avista um peru:

O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber a sua admiração. Estalara a cauda e se entufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão – brusco, rijo, - se proclamara (...) completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos, com

reflexos de verdes metais em azul-e-prêto-o peru para sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento.” (ROSA, 1962, p. 4)

A imagem de um transbordamento é aqui de vital importância, imagem que comunica diretamente com o título “Margens da Alegria”, transbordar é exceder ainda um estado de completude e de sentido de totalidade, é extravasar, inundar tudo em redor. Neste caso, a imagem do peru, intensificada pelo olhar da criança leva-a um estado de êxtase e de felicidade suprema, a um contacto com um estado de estesia “Belo, Belo!”; podemos dizer, que o universo poético e o universo infantil detonam esse transbordamento, esse estado de continuidade que nos dá acesso ao eterno, ao absoluto, ao intemporal, “o peru para sempre”. Nesse sentido, o olhar da criança, e através dele, o olhar de Guimarães Rosa estão fora do tempo, encontram-se num lugar de origem, lugar mítico e mágico em que os seres se encontram livres de impurezas; restitui-las a esse estado puro é, na visão de Guimarães Rosa, a função do escritor. É interessante notar como o transbordamento da alegria nos alia, tal como a experiência da travessia, à anulação das margens, nos dois casos a imagem passa-nos pela ideia de um estado contínuo, infinito e interminável, (o aprender-a-viver), a evolução, o intemporal. Nos dois casos podemos ver como Guimarães Rosa nos sugere, sempre a ideia da anulação de um pensamento meramente dual, em detrimento de uma libertação, um terceiro espaço ou um transbordamento, a criação de uma confluência ou de uma continuidade. E através desta imagem podemos ver o olhar da criança como um pensar sem margens, detonador de um olhar que liberta a linguagem e as coisas, que não consegue ver os seus limites (as suas margens), o olhar da criança é, por isso, sempre um olhar gerador de um encontro, de uma fusão, de um ato de libertação. Ele intensifica a realidade até um estado de êxtase, o seu olhar acelera. Podíamos dizer, em diálogo com o fragmento de Novalis que “Cada objeto amado é o centro de um paraíso” (NOVALIS, 1988, p. 64), tal é o ocaso do peru, ele: “Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta” (ROSA, 1962, p. 4). Através do estranhamento da realidade, a criança observa toda a realidade como se tudo acabasse de nascer, disso nos fala Nhinhinhia, de “A menina de lá”, quando observava as estrelas repetia: “**Tudo nascendo**” (ROSA, 1962, p. 21). Ver tudo nascendo: ofício poético e visão da criança, essa é a dimensão em que se move a menina de lá, menina de três anos, em plena fase de aquisição da linguagem; a ela não lhe interessam os brinquedos, a sua brincadeira é com a linguagem, ela renomeia constantemente os diferentes



elementos da realidade: “De por diante Ninhinha passou a chamar o sabiá de **‘Senhora Vizinha’**” (ROSA, 1962, p. 21), e as estrelas de *estrelinhas pia-pia*. Trata-se, outra vez em contacto com o diálogo entre Guimarães Rosa e Günter Lorenz, de *fazer do idioma o espelho da personalidade*, ampliar as possibilidades expressivas da língua, torna-la plenamente espelho de uma expressão, aumentar-lhe o grau de sinceridade (a sua originalidade), por isso Ninhinha renomeia, por isso ela habita plenamente a linguagem e a eleva a um grau de estranhamento a que rapidamente a família se habitua, levando-os a um estado contínuo de alerta à novidade: “O que falava, às vezes era comum, a gente é que ouvia exagerado: - **‘Alturas de urubuir...’** Não, dissera só: - **‘... altura de urubu não ir...’**” (ROSA, 1962, p. 61). Ninhinha começa então a desenvolver a capacidade de realizar milagres, os desejos que ela quer realizar: “Eu queria o sapo vir”, ou “Eu queria uma pamorinha de goiabada”, tornam-se realidade em poucos instantes. Mas esses desejos têm de partir dela e nunca da pressão exercidas pelos outros, por isso mesmo a família tenta ocultar a realização dos milagres para não atrair atenções externas. O milagre físico e concreto que provém da transformação dos desejos em manifestações reais pode ser também visto como uma metáfora do milagre de nomear, de fazer nascer a palavra, e nesse sentido, através da personagem da Ninhinha, Guimarães Rosa estabelece também um diálogo consigo mesmo enquanto autor: “A língua e eu somos um casal de amantes que juntos procriam apaixonadamente (ROSA, 1965). Restituir a linguagem ao seu estado original só é possível assim a partir do olhar da criança, a um uso reacionário da língua (a um uso, ainda sem norma, sem estado adulto), “eu preferiria que me chamassem de reacionário da língua, pois quero voltar cada dia à origem da língua. É de salientar o que Elide Valarini Oliver nos afirma:

Vale também lembrar o recurso ao uso primordial da força mítico-poética invocada em cada palavra. Toda palavra está viva, pulsando em sua essência e, ao ser nomeada, invocada, vem, com a força total da *presença* diante de nós, como a revelação de um deus. É o uso da linguagem como troca e não como *numen* que esmaece, mata essa relação mágica entre ser e palavra, que é uma só. O ser e a palavra são um. (2008, p. 135)

É a esta linguagem como *numen*, em que palavra e ser estão unidos por um vínculo mágico, que a criança e a poesia tem pleno acesso. Nos dois casos trata-se de um olhar transfigurador da



realidade, mas também, como vimos, de um olhar despolarizador, um olhar que desconhece um estado fechado da linguagem e das suas catalogações, um olhar que não hierarquiza, que liberta e gera movimento, um olhar de singularidade e estranhamento que intensifica a nossa relação com a realidade e com a linguagem, um olhar de transmutação pura e de diluição das formas, que nos ensina a pensar sem margens: um olhar de travessia e de transbordamento que nos prova que “todo o limite é ilusório, e toda determinação é negação” (DELEUZE, 1992, p. 156). Por isso mesmo a criança e sobretudo a etapa de aquisição de linguagem e alfabetização interessaram tanto a Guimarães Rosa, porque ela tem acesso à poesia (inexplicável) da vida que nos fala Carlos Drummond de Andrade: “se procurar bem, você acaba encontrando / não a explicação (duvidosa) da vida, / mas a poesia (inexplicável) da vida.” (2004, p. 1256).

Aquilo que no estado adulto se tem de *procurar bem*, é um dado adquirido na criança, ela vive sempre, de certa maneira, naquilo que Clarice Lispector chamava de estado de graça; por isso mesmo, como nos afirma Novalis: “O primeiro homem é o primeiro visionário de espíritos. A ele tudo aparece como espírito. O que são crianças, senão primeiros homens? O fresco olhar da criança é mais transcendente que o pressentimento do mais resoluto dos visionários.” (1988, p. 163). A procura poética encontra a sua origem num estado mágico do mundo, como afirmou Guimarães Rosa a Günter Lorenz: “Escrever é um processo químico; o escritor deve ser um alquimista” (1965), o mesmo é dizer que ele deve acender sempre um fogo primordial, e ele, só pode, por isso mesmo, permanecer, sempre com um olhar de criança, ver e criar a linguagem como uma criança, ser, finalmente uma criança: sentir e vislumbrar como um *compromisso do coração* que “a poesia é também uma irmã tão incompreensível da magia”. (1965).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

BARROS, Manoel. *Concerto a céu aberto para solo de aves*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

- COUTINHO, Eduardo. Discursos, fronteiras e limites na obra de Guimarães Rosa. In: *A Poética Migrante de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- EMERSON, Ralph Waldo. *The essential writings of Ralph Waldo Emerson*. New York: The Modern Library, 2000.
- GARBUGLIO, José Carlos. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.
- NOVALIS, Friedrich. *Pólen, fragmentos, diálogos, monólogo*. São Paulo: Iluminuras, 1988.
- OLIVER, Elide Valarini. Guimarães Rosa e os astros: com reflexões em Machado de Assis. In: *Revista USP*, n.76, p. 129-148, dezembro/fevereiro 2007-2008.
- PACHECO, Ana Paula. *Lugar do mito: narrativa e processo social nas Primeiras Estórias de Guimarães Rosa*. São Paulo: Nankin, 2006.
- ROSA, Guimarães. *Diálogos com Guimarães Rosa*, entrevistado por Günter Lorenz. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2011/01/dialogo-com-guimaraes-rosa-entrevista.html>. Acesso em: 02 de Fev do 2021.
- ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1965.
- ROSA, Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1962.
- SAID, Edward. *Culture and Imperialism*. New York: Vintage, 1994.
- SHKLOVSKI, Viktor et al. *Teoría de la literatura de los formalistas rusos*. Madrid: Siglo XXI, 1978.